

NOVAS TECNOLOGIAS E O CURRÍCULO ESCOLAR

Ofélia Vilela Cruvinel¹

Resumo:

Este artigo tem como objetivo ressaltar a importância da democracia no acesso às novas tecnologias, para a área educacional. Estes recursos são caracterizados como midiáticos e fragmentados e são mais do que simples suportes educacionais. Rever suas aplicações é de suma importância para que se formem cidadãos capazes de filtrar informações e formar opiniões, oferecendo novas formas de aprendizagem, novas lógicas, competências e sensibilidades.

Palavras Chaves: Novas Tecnologias, educação, desafios.

Abstract:

The article aims highlight the importance of democratization the access to the new technologies, to the educational area. These resources are characterized as mediatics and broken up and there mean more than simple educational supports. It is of ut most importance to revricu their application in order to form citizens who are able to filter information and generate their own opinion and consequently offer new forms of learning new logics, competences and sensibilities.

Key Words: New Technologies, education, challenges.

Tecnologia nada mais é do que a forma como utilizamos cada ferramenta para realizar determinada ação. A evolução social e cultural da humanidade levou a criação de tecnologias; desde a descoberta do fogo, da roda, da invenção do ábaco, até o momento predominam as tecnologias por onde o homem transita culturalmente. Direcionar a educação não total, mas parcialmente para estes recursos é um alvo futurista e necessário.

A tecnologia educacional deve colocar-se inteiramente a serviço de seus objetivos, para que isso ocorra são necessárias mudanças no conceito de currículo escolar, isto demanda grandes esforços por parte de educadores e autoridades governamentais. Dessa forma, as mudanças propostas nesse sentido na LDB vieram trazer grandes contribuições para o enriquecimento do currículo escolar

¹ Graduanda em Pedagogia pela FUCAMP – Fundação Carmelitana Mário Palmério / FACIHUS – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais – Monte Carmelo – MG. E-mail: ofeliavilela@yahoo.com.br

No entanto para que ocorram transformações inovadoras é preciso que se formem educadores pesquisadores com visão ampla de futuro, com idéias que ultrapassem os limites da escola, há necessidade de educadores comprometidos com a idéia de comunidades de aprendizagem.

Contribuir para o desenvolvimento profissional de professores, inspetores, supervisores e gestores é uma tarefa necessária e uma meta passível de ser realizada, em função das dificuldades de acesso às informações e recursos que a tecnologia possibilita. Muitos educadores já sentiram que é preciso mudar, mas, o que fazer? Somos de uma geração analógica onde prevalecia a onda do músculo, vencia o mais forte e nossos filhos são de uma geração digital onde há a onda do cérebro.

As transformações no mundo do trabalho e no setor de produtos trouxeram grandes impactos e desafios para a área educacional. Temos que repensar ações que já foram implementadas.

Robótica, multimídia, computador, link, software, hardware, conexão, internet, o que fazer com tudo isso na educação?

Tecnologia é ferramenta. Como um canivete, um bom artesão pode produzir as mais belas esculturas em madeira.

Um torno de controle numérico em mãos erradas é um elefante branco, não serve para nada.

Mas, obviamente, esse torno em mãos certas é um instrumento de colossal produtividade. Nada diferente com as tecnologias educativas. São ferramentas e há muitas cada uma melhor para lidar com cada problema particular. (CASTRO, 2000: 65)

A democratização do acesso a esses produtos é um grande desafio para a sociedade e demanda grandes esforços e mudanças nas esferas econômica, social e educacional, para que todos possam utilizar de maneira confortável as novas tecnologias. A aprendizagem contínua é consequência natural no momento tecnológico que estamos vivendo a ponto de podermos chamar nossa sociedade de “sociedade da aprendizagem”.

Muitos educadores já sentiram que é preciso mudar a maneira de ensinar. É preciso se adaptar ao ritmo e às exigências educacionais dos nossos tempos, pois é de grande importância todas as disciplinas ministradas em uma escola, e esta deve estar centrada no aluno, que desenvolvendo projetos com conteúdos previamente passados pelo professor, criaria

oportunidades para o aluno desenvolver e dar significado às informações adquiridas, desenvolvendo habilidades para dar soluções à possíveis problemas, sendo crítico de seus próprios resultados, ou seja, aprendendo a aprender, não confundindo informação com educação.

Querem se adaptar ao ritmo e às exigências educacionais dos novos tempos. Anseiam por oferecer um ensino de qualidade, adequado às novas exigências sociais e profissionais.

Colocam-se profissionalmente como mestres e aprendizes, com a expectativa de que por meio da interação estabelecida na comunicação didática com os alunos, a aprendizagem aconteça para ambos. (LEMOS, 2002:78)

A importância do professor nesse contexto tecnológico é indiscutível porque o calor humano é insubstituível e ajuda no desenvolvimento de habilidades como construção do saber, interpretação do que é proposto, dito, ouvido e visto aprendizagem das habilidades de pensar, partilhar e filtrar informações, levando o aprendiz a tornar-se um indivíduo mais crítico e reflexivo.

A reformulação educacional com a finalidade de inclusão é urgente, pois o aluno de hoje é muito exigente, o professor precisa ser seletivo para saber o que é mais significativo tanto em termos de conhecimento e conteúdo, como no desenvolvimento de habilidades, competência e valores que são permanentes, já que cada indivíduo irá desenvolver essas competências de maneira diferente.

Em pesquisa desenvolvida na rede pública estadual de educação na cidade de Monte Carmelo, percebi as dificuldades de valorização de professores e profissionais da área educacional devido ao desinteresse e ao cabresto em relação ao currículo, onde não é fácil criar atividades utilizando novas tecnologias em qualquer disciplina.

Algumas escolas contam com laboratórios de informática doados pelo governo em parceria com o MEC. Houve grande alvoroço quando foi lançado o programa, mas devido às dificuldades encontradas pelos professores que não possuem habilidades em informática não foi dada a importância devida ao projeto, apesar do esforço de alguns. As maiores dificuldades encontradas em

se trabalhar nesse projeto dizem respeito especialmente à formação, aos baixos salários e às condições de trabalho, pois alguns fazem jornada dupla.

A primeira dificuldade citada que diz respeito à formação nos remete aos anos de 1970 e 1980. A formação recebida e os procedimentos didáticos ainda são referentes àquela época e que não é suficiente, nem condizente com o momento atual. O educador precisa de uma formação contínua e atualizada. Outra questão é referente ao salário. Fica claro que é impossível ser um bom profissional sem um bom salário. Não é possível estar bem informado e atualizado e até ter acesso à bibliografia, às fontes de pesquisa e de ter disponibilidade também para uma vivência mais ampla, mais enriquecedora sem ser bem remunerado. Essa situação supõe um acesso maior de bens produzidos pela nossa cultura que às vezes não está ao alcance do professor que, muitas vezes, é levado a jornadas múltiplas, ocasionando assim perda de qualidade de trabalho.

O educador deve se empenhar na arte de ensinar, deve trabalhar os conteúdos de maneira mais ampla e de fácil entendimento, deve livrar-se de contradições, deve pensar certo para fazer certo, buscar a inovação como forma de atrair a atenção do educando.

O próprio do pensar certo a disponibilidade ao risco, a aceitação do novo que não pode ser negado ou acolhido só porque é novo assim como o critério de recusar ao velho não é apenas o cronológico, o velho que preserva sua validade ou que encarna uma tradição ou marca uma presença no tempo continua novo. (FREIRE, 1996:198)

Muitas vezes a indiferença com que alguns profissionais encaram o novo é talvez uma forma de defesa contra o risco da era “cibernética” que supostamente dispensa a presença do professor. Devemos nos desfazer deste engano, pois o acesso a esses novos meios de informação leva o educando a se inserir melhor e com maior naturalidade nesse meio.

O aluno de hoje não aprende mais de forma cartesiana onde o professor escreve uma linha e o aluno copia, o professor apaga e escreve outra; a transmissão de conhecimento já não se processa dessa forma, o aluno tem inteligências muito mais abrangentes. A escola se encontra hoje em descompasso com os novos tempos. Se pegarmos um aluno que nunca se

sentou diante de um computador e começarmos a ensiná-lo ele rapidamente descobre o que o computador pode fazer. Essa reação não é só pela juventude, mas porque ele tem outras formas de assimilações que são próprias de seu tempo, do meio onde vive, com muito maior número de apelos áudio-visuais.

Por isso é preciso mudar a organização curricular, com a participação da escola, pais e alunos, numa linguagem que possa ser traduzida por todos e não numa linguagem técnica e de difícil acesso.

“As pessoas podem construir por si mesmas, seus métodos de resolução de problemas, segundo seu próprio estilo de pensamento, que devem ser respeitados, identificados e incentivados pelos professores” (ALMEIDA, 1992:155)

Para construirmos nossos métodos, precisamos ter habilidades, e dominar conhecimentos, pois as novas tecnologias, consideradas como midiáticas, são mais do que simples suportes educacionais. Por isso é preciso que educadores e governo revejam suas aplicações em sala de aula para que se formem cidadãos conscientes, capazes de filtrar informações e aptos a tomar decisões.

As tecnologias de comunicação oferecem novas formas de aprendizagem, novas lógicas, competências e sensibilidades. Temos hoje uma nova realidade e uma escola com métodos vigentes para uma realidade de vinte anos atrás. Com isso a escola acaba não sendo um atrativo para o aluno. É preciso um novo plano pedagógico, onde todos participem para que se possam ter condições de desenvolver algumas regras que sejam democráticas ou democratizadoras, que auxiliem no ambiente escolar.

Não é necessário transformar a escola em um circo, onde tenha espetáculo todos os dias. É necessário sim que a escola apele para atrativo áudio-visuais, informativos, onde o aluno se sinta envolvido e participe ativamente do processo ensino/aprendizagem.

O papel do professor nesta tarefa é fundamental, pois a educação é uma interação entre pessoas. O professor é o mediador, figura insuperável no sentido da relação que ele estabelece com o aluno. O professor é insubstituível, mas tem por obrigação ter acesso aos meios de informação e comunicação para que o aluno possa se inserir melhor num mundo

globalizado. Essas novas tecnologias devem ser grandes aliadas, não substituindo a leitura e a escrita.

A educação, inserida nesse novo contexto sofre grandes transformações constantemente. Cada dia é uma nova realidade, um novo aluno. Por isso a necessidade de pensar em um novo processo educativo e comunicacional condizentes com essas transformações. A cidadania é um dos ícones da educação.

As novas tecnologias proporcionam mudanças de ambiente de informações e dão o tom da nova lógica comunicacional. Se cada escola não se incluir nessa nova era, estará na contramão da história, alheia ao espírito do tempo, deixando de produzir a inclusão social e a cibercultura.

Cibercultura quer dizer modos de vida e de comportamentos assimilados e transmitidos na vivência histórica e cotidiana marcada pelas tecnologias informáticas, mediando a comunicação e a informação via internet, uma vez que,

Essa mediação ocorre a partir de uma ambiência comunicacional não mais definida pela centralidade da emissão, como nas mídias tradicionais (rádio, imprensa, televisão), baseados na lógica da distribuição que supõe concentração de meios, uniformização dos fluxos, instituição de legitimidade. Na cibercultura, a lógica comunicacional supõe rede hipertextual, multiplicidade, interatividade, imaterialidade, virtualidade, tempo real, multissensorialidade e multidirecionalidade (LEMOS, 2002:78)

A partir do momento em que aprender passa ser um processo colaborativo é preciso planejar, desenvolver ações, receber, selecionar e enviar informações, estabelecer conexões, refletir sobre o processo, desenvolvendo assim a interaprendizagem, a competência de resolver problemas em grupo e a autonomia em relação à busca e ao fazer por si mesmo. As informações são selecionadas, organizadas e contextualizadas de acordo com as necessidades e os interesses de um grupo ou indivíduo estabelecendo múltiplas e mútuas relações, atribuindo um novo sentido que ultrapassa a compreensão individual.

O educador deve conhecer o que cada uma das facilidades tecnológicas oferece e como pode ser explorada em diferentes situações educacionais.

Deve-se apropriar do conhecimento para atingir os objetivos pretendidos e, nesse aspecto, a experiência pedagógica do professor é fundamental conhecendo as técnicas de informações para a realização de atividades em sala de aula e sabendo o que significa construir conhecimento o educador saberá como introduzir a tecnologia na construção de novos conhecimentos.

O uso da internet, por exemplo, é exigência da cibercultura, isto é do novo ambiente “comunicação cultura” que surge como a interconexão mundial de computadores em forte expansão no início do século XXI. Este é um novo espaço de sociabilidade, de organização, de informação, de conhecimento e de educação.

A nova educação deve estar inteirada ao contexto socioeconômico tecnológico, a informação digital é uma nova infra-estrutura básica ou novo modo de produção. O professor precisa assumir seu papel de pesquisador político-pedagógico, articular-se com a comunidade e trabalhar conteúdos contextuais e não abstratos. A escola deve ser um ambiente de transformação para a comunidade e mostrar uma visão ampla e atualizada, combinar recursos de comunicação com caráter didático, garantir o reconhecimento do processo de difusão de idéias, defesa de interesses para mostrar a promoção da solidariedade ou individualismo a igualdade ou desigualdade, preconceito ou tolerância, alienação ou visão crítica, participação ou exclusão.

Isolar-se na sala de aula, dar a mesma aula de sempre, é o primeiro passo para que o professor se torne obsoleto na educação. Cada vez mais é preciso que a escola tenha como e desenvolvimento de habilidades e competências e valores que são permanentes.

A educação necessita de profissionais que cresçam, sejam flexíveis a mudanças e atualizações, conheçam a realidade econômica, cultural, social e política do país; professores que participem do desenvolvimento e avaliação do plano pedagógico da escola; que escolham didáticas que são capazes de promover a aprendizagem de maneira homogênea, que evitem a exclusão e respeitem cada criança, pois cada um aprende de uma maneira e em um tempo, cada um tem sua crença ou pertence a uma etnia. Professores capazes de promover sua didática de acordo com as características de sua comunidade, que tomem seu trabalho não como um sacerdócio ou uma missão, mas sim uma profissão de verdade.

Não há para mim, na diferença e na distância entre a ingenuidade e a citricidade, entre o saber de pura experiência feito e o que resulta dos procedimentos metodicamente rigorosos, uma ruptura, mas uma superação. A superação e não a ruptura se dá na medida em que a curiosidade ingênua, sem deixar de ser curiosidade, pelo contrário, continuando a ser curiosidade, se critica. Ao criticizar-se tornando-se então, permito-me repetir, curiosidades epistemológica metodicamente rigorizando-se na sua aproximação ao objeto, conota seus achados de maior exatidão. (FREIRE, 1996:88).

Por estas palavras, observamos que não basta sermos professores educadores, mas sim investigadores, pesquisadores e críticos, buscando assim novas maneiras de ensinar, de avaliar já que é preciso inserir o estudante de hoje numa sociedade onde é necessário, criticar, avaliar, analisar para não se tornar alienado.

Nos primórdios da educação pública que se tem relato, professores e alunos dispunham de muito poucos instrumentos ou ferramentas e o professor era detentor de todo saber onde expunha suas disciplinas de maneira rotineira e cansativa e o aluno nada mais era do que um meio ouvinte e aprendia de forma cartesiana, e com severos castigos. Com tudo isso o professor conseguia transmitir todo conhecimento que detinha.

Com todos os parâmetros criados, pesquisas e reformulações pedagógicas, avanço tecnológico e científico, transformações sócio-culturais, mudanças de valores, busca da quebra da alienação o professor passa a ser norteador de conhecimento, tendo que se adaptar e caminhar a passos largos, para que haja equilíbrio entre o saber e o conhecer entre o educar e transmitir conhecimento, utilizando e conhecendo alguns dos recursos tecnológicos que causaram maior impacto na educação, como: a TV, o vídeo, o rádio, e o computador.

Devemos deixar o temor e a ansiedade para andarmos lado a lado com os novos tempos para não tornarmos “professauros ou peças de museu”.

A solução para a utilização de tecnologias não está em transformar a escola em um circo, onde haja espetáculo todos os dias e nem tampouco descontextualizando essas tecnologias, estas utilizações devem estar

sintonizadas com as disciplinas ministradas onde os recursos usados facilitem a comunicação e a compreensão das informações.

O rádio

No início foi usado como instrumento de educação de massa, hoje o rádio deixa de ser um instrumento de educação passando a ser comercial.

Apesar de estarmos na era da informática, o rádio é sem sombra de dúvida um instrumento popular, assim por ser mais acessível, o rádio é um importante aliado à educação formal.

A utilização do rádio possibilita desenvolvimento da reflexão e da crítica; imaginar, identificar, selecionar a partir da escuta.

Comparando, por exemplo, uma gravação de uma determinada notícia veiculada pelo rádio, com uma notícia de um determinado jornal ou até mesmo da televisão, pode-se avaliar qual o teor, a essência e a objetividade da notícia. Mostrando através da utilização que ao transmitir informações o rádio também integra o processo sócio-cultural e político de desenvolvimento de uma sociedade.

A TV e o vídeo

O áudio-visual toca todos os sentidos; pelo vídeo sentimos, experimentamos o outro, o mundo e nós mesmos; explora também o ver com vários recortes da realidade, uma vez que está situada no presente utilizando o passado e o futuro, usando a fala, o visual, a música e a escrita de forma concreta. Essas mensagens desenvolvem múltiplas atitudes perceptivas, incita a imaginação, aflora a afetividade, produz um novo assunto, desperta a curiosidade e a motivação, desperta o desejo de pesquisar.

Muitas vezes ajuda o professor a mostrar o que foi falado em sala de forma mais concreta, traz realidades distantes dos alunos. Utilizar o vídeo para compreender a TV analisando as informações para ajudar professores e alunos a perceberem melhor as possibilidades e limites da TV como meio de informação.

A interdisciplinidade ajuda o trabalho com a TV e o vídeo em sala de aula e as dificuldades relacionadas com a utilização de tecnologias são muito

grandes, mas serão tanto piores enquanto houver desunião e falta de ética, causando incapacidades de coordenação e elaboração de projetos, pois muitas vezes estes se perdem muitas vezes por falta de estímulo e compreensão.

O computador

Se considerarmos o fato da luta do homem em busca de tecnologia que facilitem sua vida, o computador é uma invenção recente dos primeiros modelos até hoje, ocorreu uma enorme evolução e rapidez de processamento. Sua utilização na educação é de fato muito recente, por isso muitas tentativas são frustrantes.

O computador deve ser usado com projetos prévios e interdisciplinaridade para desenvolver habilidades, tais como raciocínio lógico-matemático, geometria, interpretação, redação entre outras. Neste contexto, existem variadas formas para utilizá-lo, podendo desenvolver novas habilidades e competências, inserindo o aluno numa sociedade onde o acesso a este recurso muitas vezes se torna difícil devido às condições sócio-cultural.

O computador não foi criado para fins educativos, mas sua utilização na educação vem tomando proporções e demandas que educadores, gestores e governo deverão se posicionar urgentemente para que não percam o trem da história ficando assim ultrapassados.

Considerações finais:

Atualmente estamos vivenciando uma revolução tecnológica, em todos os sentidos e essa evolução vem ocorrendo de forma muito rápida e muitos setores da sociedade não tem conseguindo acompanhar essa evolução, dentre eles a educação escolar, cujos currículos, com pretensão de formação, se mantêm desarticulados dessa nova ordem, entendidas como evolução tecnológicas. Por outro lado a formação de grande parte dos professores que atuam nas escolas, também não atende a essas expectativas. Nesse sentido, se faz necessário empenho sobre as políticas publicas voltadas para a formação do professor, contemplando a intensificação da estilização dessas tecnologias escolares e de formação.

Referências:

ALMEIDA, Mônica. **História e Ciências: um debate metodológico**. Rio de Janeiro, Paz e Tema, 1992.

LEMOS, André. **Cibercultura, tecnologia e vida sexual na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. Ed.34. Carlos I da Costa, São Paulo: 1999

CASTRO, Cláudio de Moura. **Revista TV/Escola MEC**, nº. 11 outubro/novembro 2000, Brasília.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia, Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

VYGOTSKY, L. A. **A formação social da mente**. São Paulo. Martins Fontes, 1984.

ASSMANN, H. **A metamorfose do aprender na sociedade da informação**. Brasília, maio/agosto 2000.

MAQUES, C.P.C. et al. **Computador e ensino: uma aplicação à língua portuguesa**. Editora Ática, 2001.